



CRIANÇAS, NATUREZA E AS SUTILEZAS DO COTIDIANO NA ESCOLA DA INFÂNCIA

Children, nature and the subtleties of everyday life in childhood school


Letícia Veiga CASANOVA


Rede Municipal de Ensino de Itajaí

Educação Infantil

Itajaí, Brasil

leticiacasanova@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7548-6565> 

A lista completa com informações dos autores está no final do relato 

RESUMO

Como as plantas bebem água se elas não têm boca? Todas as frutas têm sementes? O feijão vem da panela? Essas foram perguntas que surgiram em interações com um grupo de crianças de 3 e 4 anos de idade do Centro de Educação Infantil João Victorino, da Rede Municipal de Ensino de Itajaí, Santa Catarina. Foram essas questões que conduziram toda a investigação e o protagonismo das crianças no processo de aprender e se encantar com os detalhes e as sutilezas de diferentes elementos. A curiosidade das crianças e suas perguntas possibilitaram conectar crianças ao mundo que as cercam e experimentar um processo de perceber a natureza que rodeia os sujeitos e oportunizar a prática do olhar, perceber detalhes e sentir. Um projeto conduzido por perguntas de crianças pequenas, suas curiosidades sobre o mundo, seu protagonismo na pesquisa e investigação e seu encantamento a cada novo achado.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza. Sutilezas. Infância. Educação Infantil.

ABSTRACT

How do plants drink water if they do not have mouth? Do all fruits have seeds? Do the beans come from the pan? These were questions that arose in interactions with a group of 3 and 4 year old children from the João Victorino Early Childhood Education Center, from the Itajaí Municipal Education Network, Santa Catarina, Brazil. These questions led the entire investigation and the children's protagonism in the process of learning and being enchanted by the details and subtleties elements. Children's curiosity and questions made it possible to connect children to the world around them and experience them process of perceiving the nature that surrounds the subjects and providing opportunities for the practice of gazing, perceiving details and feeling. A project driven by questions from young children, their curiosities about the world, their leading role in research and investigation and their delight at each new find.

KEYWORDS: Nature. Subtleties. Childhood. Early Childhood Education.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ENCANTAMENTO

Era meados de maio. Amanheceu chovendo e logo em seguida o sol apareceu no céu. Era quase oito horas da manhã e as crianças ainda chegavam ao CEI. “Eu vi um arco-íris no céu quando tava vindo” exclamou Wesley quando chegou na porta da sala e viu a professora. Os olhos brilhavam e o sorriso se fez presente. Ele havia presenciado um fenômeno da natureza e se encantado por ele. Seu encantamento também foi compartilhado em roda de conversa e outros olhos também brilharam. Os mesmos olhos que observavam desde fevereiro as folhas, tocavam a terra, usavam lupa para ver detalhes de pedras, conchas e raízes das plantas.

Wesley e mais 24 crianças entre 3 e 4 anos, fazem parte do Grupo Lupa do Centro de Educação Infantil (CEI) João Victorino, da Rede Municipal de Ensino de Itajaí. Cidade localizada no Estado de Santa Catarina, no sul do Brasil. O CEI está situado em um bairro urbano, com muitas casas, ruas calçadas e avenidas asfaltadas. Há no entorno algumas árvores, um rio e a vegetação que cerca as margens. No CEI há um parque de areia com três árvores frutíferas pequenas. Há, nesse espaço, a possibilidade de olhar para o céu, sentir o vento, observar as nuvens e suas formas, andar descalço em outras texturas. O restante é preenchido por salas de aula, refeitório, quadra esportiva e bebeteca. Há o excesso de paredes e, por consequência, crianças emparedadas.

Diante desse cenário, em que o emparedamento separa crianças do contato com outros tantos elementos que poderiam estar presentes na escola da infância, Carlos Drummond de Andrade entra em cena e nos sensibiliza:

O céu veio à conversa
o espaço dilatou-se
e uma luz diferente,
vermelha, branca,
alaranjada,
pousou em nossas peles e palavras

Quanto da natureza está em nossas conversas com as crianças? As luzes, os cheiros, os sons, as texturas, as cores e sensações que a natureza nos incita estão em nossos planejamentos? Quanto da nossa rotina, na escola da infância, está aprisionada entre quatro paredes e as crianças emparedadas entre salas, brinquedos de plásticos e ações dicotômicas que distanciam ainda mais crianças da natureza? Quanto possibilitamos que as crianças sintam, observem, toquem, pisem, respirem fundo e se conectem com a natureza que nos rodeia e pousa em nossa pele? Por quantas vezes

desenhamos sol e chuva no calendário diário, mas não oportunizamos que as crianças percebam e sintam o sol na pele, o vento nos cabelos, a chuva nos braços? Quantas vezes organizamos vivências na alimentação que possibilitem observar o alimento *in natura*, tocar, cheirar, lambear, sentir a textura? Quanto incentivamos as crianças a perguntarem sobre o mundo: toda fruta tem semente? Como a árvore bebe água se não tem boca? O feijão vem da panela?

Tiriba (2010) nos lembra que nós somos, adultos e crianças, seres de cultura e de natureza. Não há o que nos separe, não somos coisas diferentes, não há essa dicotomia instituída pelo mundo moderno. A natureza não está só lá fora (Tiriba, 2005). A natureza somos nós, nos rodeia e precisamos oportunizar a prática do olhar, perceber detalhes e sentir. Chauí (2001, p.209) também reforça que a natureza “é o princípio ativo que anima e movimenta os seres. [...] força espontânea capaz de gerar e de cuidar de todos os seres por ela criados e movidos”. Dessa forma, somos natureza.

Porém, com o processo de industrialização e com a visão de mundo moderna, esse pertencimento à natureza foi se perdendo e não sentimos mais na pele, não paramos para observar e contemplar, não reconhecemos o cheiro de terra molhada, não colhemos mais fruta do pé, não andamos descalço ou brincamos com galhos e as crianças não sabem mais de onde o feijão e as frutas vêm ou, raramente, pararam para observar a chuva caindo sobre as plantas.

Nossa natureza, e a das crianças, está sendo emparedada e escolarizada. Por isso, é urgente mudar nossa forma de pensar, sentir, interagir e educar nas instituições de educação infantil. Precisamos urgentemente religar as crianças com a natureza visando convidar a um “novo olhar de admiração, desfrute, reverência e respeito à natureza, como fonte primeira e fundamental à reprodução da vida” (Tiriba, 2010, p.6).

Esse é o principal fundamento de um planeta com pessoas conectadas com o que somos. Só cuidamos daquilo que amamos, que nos sentimos próximos e conhecemos. Assim, olhar, admirar, observar, sentir, brincar e contemplar são objetivos presentes nas vivências planejadas com as crianças. Não mais *para* as crianças em um conceito adultocêntrico (Sarmiento, 2005; Gandini, 2002), mas *com* as crianças. Juntos, nos percebemos capazes, potentes e nos fazemos perguntas sobre o mundo que nos cerca. Viramos pesquisadores e, a primeira cena deste projeto, descrita em seguida, sustenta nossa posição de seres capazes de nos religar com a natureza a partir de experiências sutis e sensíveis do nosso cotidiano.

A chuva caía forte. Havia sons, cheiros e temperatura diferentes. A professora convida as crianças a observarem a chuva caindo no parque sobre os brinquedos, areia

e árvores. Ela ainda comenta que as plantas estavam bebendo água da chuva e, nesse momento, as crianças a olham com curiosidade. A professora percebe suas expressões e continua falando que, assim como nós, as plantas também precisam de água. Mas como elas bebem água se elas não têm boca? Perguntou às crianças.

Olhos pensantes se materializaram e a Pyetra disse: “As folhas abrem e fecham” e fez o gesto com as mãos. “Ah! Nós temos uma hipótese e precisamos pesquisar”, continuou a professora. E, assim, nossa relação com a natureza ganha destaque e surge uma imensidão de possibilidades de nos conhecermos e nos conectarmos com o mundo e os elementos que nos cercam.

Conectar-se com elementos e seres. Uma relação com as sutilezas que nos instiga a aprimorar o olhar. Olhar para aquilo que não se percebe facilmente, o que é delicado, tênue, leve. Olhamos a chuva, sentimos seu cheiro, ouvimos seu som. A chuva tocou nossa pele e veio a nossa conversa, como o céu veio ao poema de Drummond. Maturana (2020) também nos inspira quando afirma que conhecer é sentir, porque toda condição racional tem um fundamento emocional. E, na educação infantil esse processo torna-se indispensável, pois as crianças aprendem com o corpo todo e precisam aprender a apreciar um lugar antes de lidar com os conceitos abstratos.

Dessa forma, o mundo na escola da infância, deve ser sentido e experimentado em todos os momentos. Como define Larrosa (2002, p.21), “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Nossas crianças precisam ser tocadas pelo mundo que as cercam para que compreendam que somos natureza e que sua preservação depende das nossas atitudes diárias. Tiriba (2010, p.1), em um dos seus escritos, cita uma profecia de Olhos de Fogo, uma velha índia Cree, que há mais de 200 anos alertava:

Um dia a Terra vai adoecer. Os pássaros cairão do céu, os mares vão escurecer e os peixes aparecerão mortos nas correntezas dos rios. Quando este dia chegar, os índios perderão no seu espírito. Mas vão recuperá-lo para ensinar ao homem branco a reverência pela sagrada terra. Aí, então, todas as raças vão se unir sob o símbolo do arco-íris para terminar com a destruição. Será o tempo dos Guerreiros do Arco-Íris.

A partir desse projeto instauramos o tempo de se conectar com as sutilezas, sobre sentir, cheirar, tocar e aprender sobre a vida que pulsa em cada um de nós. Sabemos que, se continuarmos no ritmo de destruição em que nos encontramos, a catástrofe será certa. Mas, como professora de crianças pequenas, acredito que podemos liderar a revolução dos Guerreiros do Arco-Íris.

Assim, este é um relato da experiência do encantamento, do nascimento do “tempo dos Guerreiros do Arco-Íris”, como profetiza a velha índia Cree e como sonhamos nós. Nosso Projeto surgiu enquanto observávamos a natureza, a chuva caindo no parque e molhando as árvores. Nas pequenas e quase invisíveis gotinhas de água que molham a terra e nutrem, para nós, mais do que as plantas. Nutriu a curiosidade, a observação, a investigação, as perguntas e as sutilezas que fomos descobrindo em cada vivência. Nutriu nossas árvores do parque, mas também nos fez aprimorar o olhar, a observação do mundo a nossa volta, fazendo mais perguntas e investigando. Isso é processo de encantar e aprender!

Este relato do encantamento, dessa forma, divide-se a partir das três principais perguntas elaboradas pelas crianças diante das experiências vividas. Ele está didaticamente separado desta forma, mas, cronologicamente, as vivências de cada pergunta se misturam, se alternam e se encontram com o intuito de religar as crianças com a natureza e querendo nos convidar a um “novo olhar de admiração, desfrute, reverência e respeito à natureza, como fonte primeira e fundamental à reprodução da vida” (Tiriba, 2010, p.6).

Conectar-se com a natureza, observar detalhes e fenômenos, fazer perguntas, participar das vivências de encantamento, aprender sobre nós e sobre o mundo que nos cerca... Conectar-se com a natureza, observar detalhes e fenômenos, fazer perguntas... Assim, esse projeto teve como objetivo vivenciar a prática pedagógica focando nas perguntas das crianças a partir de suas curiosidades sobre as sutilezas do mundo que as cercam.

COMO AS PLANTAS BEBEM ÁGUA SE ELAS NÃO TÊM BOCA?

A pergunta veio juntamente com os olhos de curiosidade das crianças: como as plantas bebem água se elas não têm boca? Olhos pensantes se materializaram e a Pyetra disse: “As folhas abrem e fecham” e fez o gesto com as mãos. “Ah! Nós temos uma hipótese e precisamos pesquisar”, disse a professora. A partir dessa indagação e uma hipótese, muitas vivências, aprendizados e encantamentos foram se construindo.

Ficou combinado que, em um próximo dia de chuva, faríamos mais uma observação das plantas. E, enquanto o dia de chuva não chegava, utilizamos nosso

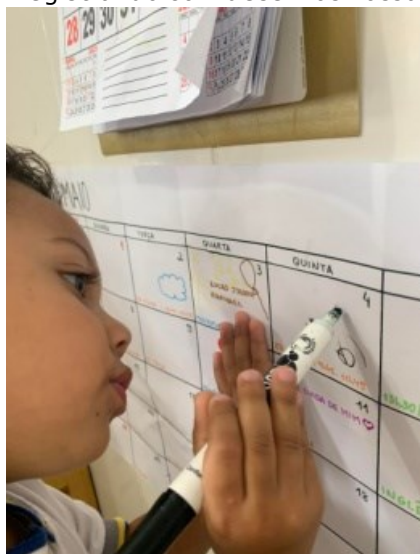
calendário coletivo, que está exposto na sala, na Área do Encontro¹, para observar o céu e desenhar como estava o tempo todos os dias. Todas as manhãs nos encontrávamos na roda de conversa e olhávamos pelas janelas. Observávamos e falávamos sobre o tempo, como pesquisadores que coletam dados observando os fenômenos (Edwards, Gandini, Forman, 2016).

No início do processo a professora falava e as crianças mais observavam e escutavam. Mas, com o passar dos dias de sol, dos dias de muitas nuvens ou chuvosos, as crianças começaram a observar e perceber o tempo mesmo antes da professora perguntar como estava. As crianças já chegavam contando sobre suas observações e encantamentos: “Hoje tem sol. Olha lá” e apontavam para a janela para que a professora também pudesse observar. “Hoje o sol está com preguiça e não quis acordar” surge a Amabely contando em uma manhã nublada. “Tem chuva e a plantinha ta bebendo água” conta Miguel Galimbert nos dias cinzentos e chuvosos. “O Emanuel acorda e já quer ver como está o tempo lá fora” compartilha sorridente a Samla, mãe do menino.

Em alguns dias nossa observação do tempo acontecia com as crianças deitadas no chão e olhando para o céu. Outros dias, íamos também para o parque e observávamos nuvens, vento, temperatura e cores no céu, nos objetos e plantas. E, além da observação, todos os dias desenhávamos no calendário o que observávamos. Até abril foi a professora que fez os desenhos. A partir do mês de maio as crianças começaram a experimentar o desenho de observação (Hallawell, 1994). Uma criança por dia era convidada a desenhar como estava o tempo no calendário e observamos a evolução do desenho de todas as crianças durante esses três meses. De uma garatuja desordenada, em que a criança executa traços simples e linhas que seguem em todas as direções para uma garatuja nomeada, em que a criança começa a fazer comentários verbais sobre o desenho e passa a dar nome à garatuja (Bombonato, Farago, 2016). O Adryan, em um dia chuvoso, desenhou um quadrado e disse que era a escola e depois fez uns riscos e relatou que era a chuva caindo na escola.

¹ O espaço da sala está organizado por Áreas a partir de um arranjo visualmente aberto e com as zonas circunscritas (áreas delimitadas em três lados com mobiliários/estantes). Este arranjo proporciona à criança uma visão de todo o lugar e possibilita que as crianças façam escolhas, desenvolvam a autonomia, as interações em pequenos grupos e a oportunidade do brincar simbólico, da imaginação e da vivência das linguagens da infância (Meneguini e Carvalho, 2003).

Fotografia 1. Registrando com desenhos nossas observações



Fonte: Acervo da autora

Assim como a Adryan desenhou a chuva, ela chegou e pudemos testar a nossa primeira hipótese pensada pela Pyetra: as folhas abrem e fecham para beber água. Fomos até a árvore do nosso parque e, embaixo dela, começamos o olhar atentamente as folhas. O silêncio tomou conta e os olhos trabalhavam na pesquisa. Depois de um tempinho a Amabely concluiu: “A folha não tá abrindo e fechando”. Todos concordaram e combinamos que iríamos continuar investigando.

Fotografia 2. Observação e testagem da primeira hipótese



Fonte: Acervo da autora

Para isso, fomos visitar o Sítio do Gui que fica bem próximo do CEI. Antes da visita, em roda de conversa, estabelecemos nossos combinados e sugerimos o que poderíamos encontrar por lá, o que iríamos observar e coletar. Levamos uma *ecobag* vazia e voltamos com ela cheia. Assim como nossas memórias afetivas. José e Williany observaram formigas descendo da árvore carregando pedaços de folhas, Amabely e Pyetra brincaram na terra, Lucas Johnsly e Benício descobriram o limão no limoeiro, Miguel Augusto e Eduardo encontraram uma teia de aranha enorme, Arthur encontrou um mamão verde no pé, Lucas Joseph recolheu uma pena dos patos que moram próximo ao laguinho. As crianças, individualmente ou em pequenos grupos, anunciavam suas descobertas e logo um grupo de crianças e adultos estavam lá para compartilhar os achados e falar mais sobre algumas descobertas. Ganhamos limão e um abacate e, assim, nossa *ecobag* foi enchendo-se de folhas de todos os tamanhos, cores, formatos, cheiros e texturas; penas e frutos.

A professora, que observava as crianças interagindo com curiosidade, autonomia e respeito, foi enchendo-se de reflexões... essas crianças são natureza e estamos, por conta de uma institucionalização, emparedando crianças e adultos. Estamos construindo muros, salas, plastificando brinquedos, comprando carteirinhas para elas se sentarem, cadernos, lápis de escrever, borrachas e réguas para aprenderem e distanciando essas crianças da sua potência, curiosidade, autonomia e com um aprender com seu corpo livre em movimento, em ação e em investigação. Estamos deixando com que a criança natureza se veja como duas coisas distintas. E elas não são dicotômicas, não são duas coisas separadas. Estamos investindo em emparedamento, em escolarização e não em infância em movimento e investigação.

Fotografias 3, 4 e 5. Descobrimo e sentindo a natureza



Fonte: Acervo da autora.

Por conta dessas reflexões, a professora também foi coletar dados para sistematizar suas observações sobre os materiais e mobiliários disponibilizados pelo poder público para as crianças. Há nessa lista de materiais um conceito de criança que

não sugere uma criança-pesquisadora. Caneta para quadro branco, caneta vermelha e azul, cartolina, papéis coloridos, papel almaço, caderno, tesoura, borracha, apontador, giz de cera, lápis de cor, lápis grafite, tinta guache, massinha de modelar, canetinhas, sulfite, pasta elástico, envelope, pasta arquivo, entre outros itens de uso dos adultos.

Diante dessa lista me pergunto: onde está a lupa, o microscópio de mão, a argila, a tinta comestível, a tinta aquarela, as telas de pintura, os pincéis de diferentes tamanhos e formatos, a tinta de pintura facial, os tocos de madeira, a areia colorida, o binóculo, os brinquedos de madeira, a tesoura de bola, o conta gotas, a pinça, a mesa de manipulação e a da construtividade, os cavaletes de pintura, as estantes de livros na altura das crianças?

Essas são só algumas provocações oportunizadas por esse projeto que nos faz repensar nosso fazer com as crianças pequenas e nos fez buscar por parcerias para adquirir alguns desses materiais. Mas também é urgente pensarmos em políticas públicas que acolham e subsidiem a criança-pesquisadora.

Com a mente e a *ecobag* cheias, nossa visita ao sítio rendeu frutos, como você pode perceber. Em roda de conversa colocamos todos os nossos elementos da natureza coletados no meio e começamos a classificá-los. Folhas, pedras, penas e frutos. Depois de fazermos a primeira observação dos elementos e seus detalhes, a professora perguntou onde poderíamos guardar todos aqueles elementos, pois ainda iríamos observá-los em outras descobertas. A Laura disse para deixar em cima das mesas e apontou para oito carteirinhas que ficam na frente da Área do Pintar. Mas lembramos que as mesas seriam usadas pelas crianças que gostam de desenhar e teríamos que tirar tudo novamente. Então a professora sugeriu que criassem mais uma Área com duas daquelas carteirinhas. E, mais tarde, organizaram a Área das Descobertas com um pote com folhas, outro com pedras, mais um com penas e uma bandeja onde ficam os elementos que ainda não foram bem investigados. E combinamos que todas as nossas descobertas sobre a natureza iriam para essa área.

Fotografia 6. Observações na Área das Descobertas



Fonte: Acervo da autora

O abacate e o limão estavam lá e, a partir deles coletamos mais dados para uma pergunta feita em uma outra vivência.

TODAS AS FRUTAS TÊM SEMENTES?

O abacate e o limão que trouxemos do sítio estavam na bandeja na Área das Descobertas e, com eles, observamos e coletamos mais dados para uma pergunta que fizemos quando usamos pela primeira vez nossa Toalha da Experimentação: todas as frutas têm sementes?

Mas o que é a Toalha da Experimentação? É o momento em que estendemos uma toalha azul rendada no chão do refeitório, do parque ou da sala e a fruta servida no lanche é degustada e investigada. A professora traz uma fruta inteira e as crianças sentem o peso, a textura da casca, a cor, o formato e o cheiro. Depois a fruta é cortada e novamente a observamos, a sentimos com as mãos e a cheiramos. E, por fim, a fruta é cortada em pedaços e cada criança a degusta. Na primeira vez que a Toalha da Experimentação apareceu, as crianças perceberam as sementes da maçã e surgiu uma nova oportunidade de investigação: vamos pesquisar se todas as frutas têm sementes? E as crianças toparam!

Fotografia 7 - Toalha da Experimentação no parque do CEI

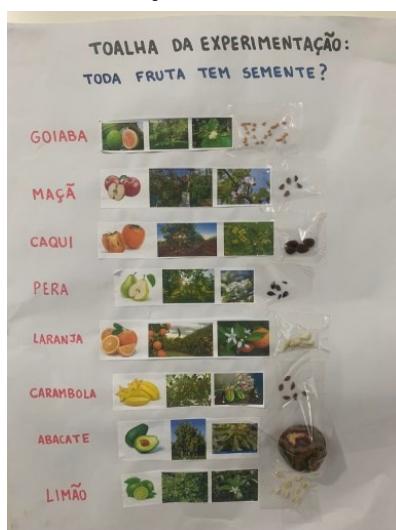


Fonte: Acervo da autora

E, com o passar dos dias, a cada fruta do cardápio nossa Toalha da Experimentação ia sendo estendida e as frutas iam sendo degustadas e investigadas: laranja, caqui, pera, goiaba e também o limão e o abacate que ganhamos na visita do sítio do Gui. As sementes foram surgindo e, para sistematizar nossos achados,

construímos um quadro com a foto da fruta, da árvore em que cresce a fruta e colamos as sementes encontradas em cada experimentação.

Fotografia 8 - Sistematização das descobertas na Toalha da Experimentação



Fonte: Acervo da autora

Um dia, enquanto estávamos no parque, a Amabely trouxe uma carambola que havia encontrado no chão. O vizinho tem um pé de carambola grande e os galhos ultrapassam o muro e, felizmente, invadem nosso parque. Uma das carambolas havia caído e Amabely trouxe dizendo: "será que tem semente?". E mais uma Toalha da Experimentação se montou. E mais uma criança se mostrou curiosa e interessada pelo mundo que nos cerca.

As folhas do pé de carambola também chamaram a atenção das crianças. Lucas Joseph coletou algumas em outro momento do parque e trouxe para colocarmos na Área das Descobertas. Em roda, as observamos e combinamos de organizar as folhas em uma pasta que chamamos de Pasta da Natureza. Nela, colamos as folhas e escrevemos de onde e quem a trouxe. E, esse processo de montagem da pasta e escrita foi realizado em Roda de Conversa, para que as crianças participassem de momentos em que a linguagem escrita é utilizada e para que as crianças entendessem a função social da escrita (Ferreiro, 1979).

Fotografia 9 - Crianças conversando sobre os elementos da Pasta da Natureza



Fonte: Acervo da autora

As crianças começaram cada vez mais observar o mundo ao seu redor e buscar por elementos que pudessem fazer parte das nossas Rodas de Conversa, da nossa Área das Descobertas e da nossa Pasta da Natureza. Elas, inclusive, queriam trazer elementos das suas casas, mas, as famílias ainda não estavam compreendendo o processo que estávamos construindo. A mãe da Pyetra, em conversa na porta com a professora, desabafou que todas as manhãs a Pyetra queria trazer folhas e pedras para a escola, e ela questionou o interesse da criança.

Por conta desse interesse das crianças organizamos a Caixa da Natureza. É uma caixa que foi para casa de cada criança e nela, elas coletavam elementos da natureza com a família e traziam para nossa Roda de Conversa. E, para que as famílias estivessem por dentro de como as crianças estavam se conectando com alguns elementos da natureza, organizamos mensalmente um informativo com fotos e textos contando como estavam nossas descobertas. Aline, mãe do Eduardo, quando perguntada em um questionário enviado junto ao informativo de maio, registrou que: “Eduardo criou um grande olhar curioso pelas plantas, árvores, começou a cultivar esses elementos mais próximos, antigamente não tinha esse interesse”.

Essa ação demonstra que investir na relação com as famílias, mostrar o que acontece dentro do CEI, dar visibilidade ao que as crianças aprendem diariamente contribui consideravelmente para a construção de vínculos e de uma relação de parceria (Casanova e Ferreira, 2015, 2017).

Essa parceria nos trouxe muitos elementos da natureza dentro da caixa. Pedras, folhas, galhos, sementes, conchas, flores de diferentes tamanhos, formas, cores e pesos. Conversas sobre conceitos de pesos e medidas, seriação, contagem oral, registro

escrito e de diferenças e encantamentos surgiram. Nossa coleção na Área das Descobertas foi crescendo e esses elementos foram inspiração também quando fomos apresentados a um artista chamado James Brunt.

Nesse momento vou te propor uma experiência: pare de ler um pouquinho esse relato, pegue seu telefone, abra o Instagram e procure pelas obras desse artista em @jamesbruntartist.

Que sensações te trouxeram observar cada obra? Observou os detalhes? Imaginou as crianças vendo algumas dessas obras impressas em folha A3? Já visualizou como seria a sua mandala da natureza? Essa foi a arte que nos tocou e o movimento que criamos. Duarte Jr. (2012, p. 22-23) diz que “a arte pode consistir num precioso instrumento para a educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida”.

Fotografias 10 e 11 - Conhecendo o artista James Brunt



Fonte: Acervo da autora

Essa foi a arte que nos sensibilizou e criamos muitas mandalas da natureza inspiradas nela e com os elementos que as crianças e famílias haviam trazido. Também realizamos um encontro com as famílias para que elas também pudessem, juntamente com as crianças, aprender sobre o James e vivenciar a sua arte.

Fotografia 12 - Criando uma obra inspirados no artista James Brunt



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 13 - Encontro com as famílias para criarem suas obras inspirados no artista James Brunt



Fonte: Acervo da autora

A Samla, mãe do Emanuel, me contou nesse encontro, que precisou comprar um globo terrestre para ele, pois ele queria mostrar onde o artista James morava, que não era no Brasil, era na Inglaterra.

E assim como o globo faz parte da vida da casa do Emanuel a partir das vivências experimentadas no CEI, o globo também faz parte da nossa Área das Descobertas, das nossas Rodas de Conversa, do conhecimento descoberto juntamente com todos os outros elementos da natureza, as lupas, a pasta da natureza, a caixa da natureza e a bandeja de elementos encontrados, mas que ainda não foram bem investigados. E, nessa bandeja, havia um grão de feijão e a possibilidade de mais investigação a partir de mais uma pergunta.

O FEIJÃO VEM DA PANELA?

Em um belo dia de sol, as crianças fizeram seu trajeto habitual pelo corredor lateral do CEI após saírem do parque. Um trajeto habitual que não é só mais um trajeto que leva de um lugar ao outro. É um trajeto que nos leva a novas possibilidades de observar, investigar e aprender. É um caminho repleto de relações sutis e que passariam despercebidas por muitas pessoas. Observamos a casinha de marimbondo que havia crescido no beiral do telhado, achamos uma teia de aranha próxima à casinha, Miguel Augusto pegou uma pedrinha muito pequena e branca e também achou um grão de feijão vermelho próximo à janela da cozinha.

Em Roda de Conversa o Miguel apresentou o feijão e a professora perguntou: “De onde vem o feijão?”. Miguel Augusto respondeu no mesmo momento: “Da panela”. E todas as crianças concordaram. A professora disse que não tinha certeza disso e propôs mais uma investigação.

Já havíamos conhecido algumas partes da árvore: as folhas, os galhos, flores, frutos e suas sementes. Precisávamos ir além e conhecer o processo de transformação. Para isso, plantamos o feijão utilizando terra e uma capa transparente de CD. Nela, conseguimos observar todas as transformações que aconteceram na terra e na semente pelo transparente da capa de CD.

Fotografias 14, 15 e 16 - Observação das transformações do plantio do feijão



Fonte: Acervo da autora

Todos os dias, além de observarmos e desenharmos o tempo, nosso feijão também era foco de observação. Em uma dessas observações, a Pyetra veio mostrar e disse: “Nasceu uma minhoquinha branca”. Para sistematizar nossos achados, organizamos um quadro no qual a professora desenhava como o feijão estava e escrevia o que as crianças haviam observado. Assim, em um processo que nos exigiu paciência, observação e sistematização dos dados utilizando nossas linguagens de comunicação (pictórica, oral e escrita), as crianças foram descobrindo novas partes das plantas em um processo tão importante e repleto de sutilezas.

Aquela minhoquinha branca foi crescendo e dias depois o Miguel Galimbert falou que era uma aranha. A Pyetra insistia na minhoca branca, mas a Amabely disse: “Minhoca tem outra cor”. E voltamos a nos perguntar o que seria aquilo.

Um mês depois do plantio, as folhas começaram a crescer e o Isaque, que é uma criança de fala mansa e baixa, disse, quase que num sussurro: “Tá se *tansfomando* na *pantinha*”. E, como qualquer sussurro e sutileza, nem todo mundo foi capaz de perceber ou ouvir. A professora pediu para que o Isaque repetisse seu achado e, como uma sutil brisa, fez com que todas as crianças contemplassem a transformação. O grão de feijão virou uma “pantinha” e continuamos nossa investigação.

“A folhinha cresceu” disse Benício quando chegou na sala e foi observar o feijão. Em Roda de Conversa, depois de um mês e meio cuidando, regando e vendo o feijão se transformar e crescer, a professora fez a pergunta que deu início ao nosso projeto:

“Mas, como as plantas bebem água se elas não têm boca?”. Pyetra concluiu: “Pelo caule” e passou o dedo pelos frágeis caules do nosso feijão que crescia.

Então vamos verificar! Sugeriu a professora que trouxe uma garrafinha com água. Em grupos de quatro crianças, elas tinham a tarefa de olhar atentamente para onde iria a água quando fossem regar o feijão. A água ia derramando e os olhos das crianças a seguiam com curiosidade. Seguir a água, observar o vento, sentir o sol, cheirar as frutas, olhar as transformações, registrar os pequenos acontecimentos da vida diária. Vivências que possibilitam enxergar as sutilezas na relação com as transformações do mundo.

Os olhos viram. “A água vai pra terra” disse a Maísa. “E o que tem dentro da terra?”, pergunta a professora. Nesse momento a caixa mágica (que já é conhecida pelas crianças por trazer as fichas com os nomes e alguns livros) é tirada de cima do armário e um novo livro é apresentado: Jardinagem e Ervas Medicinais para crianças, de Ana Maria Dourado e Lucinda Vieira. Nas primeiras páginas as crianças encontraram uma planta desenhada e os nomes de cada parte. E descobrimos que o que fica na terra são as raízes e elas levam a água para o resto das plantas.

Depois que descobrimos as raízes, fomos ao estacionamento do nosso CEI. Ele não é calçado e muitas plantas crescem nas suas laterais e na parte dos fundos onde há mais terra e ninguém estaciona os carros lá.

Fotografias 17 e 18 - Descobertas no estacionamento



Fonte: Acervo da autora

Apesar de já ser um local onde as crianças iam brincar algumas vezes, a interação com o lugar mudou após cada vivência do projeto. As crianças começaram a observar as plantas, suas cores, formas e texturas. Algumas eram arrancadas e elas encontravam as raízes. Nossa Área das Descobertas também se encheu de potes de vidro transparente com plantas com raízes e água dentro. Nossas lupas, adquiridas pela direção do CEI após as reflexões suscitadas a partir desse projeto, nos acompanhavam. Viramos o Grupo Lupa.

Nossas lupas, nossas idas ao estacionamento, nossos olhos curiosos e nossa ação de investigação, nos levou a querer mais. Em uma tarde olhamos para a parte dos fundos daquele estacionamento e imaginamos árvores. A professora dizia: "Já pensou se aqui existisse um pé de maçã, ou um pé de goiaba e pudéssemos colher uma maçã ou goiaba para comer?". "Eu quero um pé de caqui" disse a Pyetra que nunca tinha experimentado um caqui antes da Toalha da Experimentação.

Assim, queremos agora um pomar nesse lugar! E tenho certeza que teremos, pois só estamos esperando a primeira visita do Viveiro de Mudanças Nativas de Itajaí para transformarmos um pedaço de terra em um mundo cheio de muitas outras possibilidades. A parceria já está fechada, e-mails e telefonemas já foram trocados, os objetivos já foram ajustados e o segundo semestre nos espera com muitas outras transformações. Nos transformamos nos guerreiros do arco-íris e agora vamos transformar de forma sensível e verde, os espaços a nossa volta. Pois esse projeto teve seu início demarcado por uma pergunta, mas não vemos o fim dele. Agora, vemos seus frutos cor de arco-íris.

AS SUTILEZAS DO COTIDIANO DO APRENDER

O principal fundamento de um planeta com pessoas conectadas com sua natureza é fazer com que conheçam e sintam-se próximas dos elementos do mundo. A partir desse ponto, podemos afirmar que esse projeto oportunizou vivências que aproximaram e trouxeram conhecimento sobre o mundo que cerca cada criança e suas famílias. Todos se conectaram com a natureza, com suas sutilezas que nos instiga a aprimorar o olhar. Olhar para aquilo que não se percebe facilmente, o que é delicado, tênue, leve.

Leve como o vento balançando as folhas ou nossos cabelos. Delicado como o sussurro do Isaque descobrindo que "é uma pantinha". Tênuo como as reflexões e mudanças que o projeto suscitou e ainda suscitará. Temos, após o projeto, crianças observadoras, que fazem perguntas, investigam, aprendem e que cuidam. Temos famílias que conhecem o trabalho desenvolvido e se alegram a cada nova descoberta. Temos uma gestão que participa e também busca por mais áreas verdes no CEI. Temos a oportunidade de fornecer dados para que uma política pública municipal de investimento em materiais, mobiliários e brinquedos que acolham e subsidiem a criança-pesquisadora, aconteça. Temos uma professora e agentes que acreditam nas crianças e no poder do conhecimento.

Temos um projeto de sutilezas, que planta feijão com crianças pequenas, que desenha sol, nuvens ou chuva no calendário, que experimenta as frutas do lanche... sutilezas do cotidiano que nos transformou em Guerreiros do Arco-Íris.

REFERÊNCIAS

BOMBONATO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Corrêa. As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. **Cadernos de Educação**: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 3 (1): 171-195, 2016.

CASANOVA, Letícia Veiga; FERREIRA, Valéria da Silva. O que acontece na creche? As famílias respondem. **RELAdEI - Revista Latinoamericana de Educación Infantil**, Santiago de Compostela, v. 4, n. 2, p. 89-101, jul. 2015.

CASANOVA, Letícia Veiga; FERREIRA, Valéria Silva. Creche: lugar para ficar ou para aprender? As famílias respondem. **Revista Educação Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 27, n. 54, p. 95-112, jan./abr., 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.

DUARTE Jr., João-Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições, 2010.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1979.
GANDINI, Lella.; EDWARDS, Carolyn. **Bambini uma abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HALLAWELL, Philip. **À mão livre** – a linguagem do desenho. 9ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação mediadora na educação infantil. In: GUIMARÃES, Célia Maria; CARDONA, Maria João.; OLIVEIRA, Daniele Ramos de (orgs.). **Fundamentos e práticas da avaliação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2014, p. 243-254.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas/SP, n.19, p.20-28, jan/fev/mar/abr. 2002.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MENEZHINI, Renata. CARVALHO, Mara Campos de. Arranjo espacial na creche: espaços para interagir, brincar isoladamente, dirigir-se socialmente e observar o outro. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 16(2), p.367-378, 2003.

SARMENTO, Manuel. Crianças: educação, culturas, cidadania activa, refletindo em torno de uma proposta de trabalho. **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**, Florianópolis, v. 23, jan./jul., 2005. p. 17-39.

TIRIBA, Léa. **Crianças, natureza e educação infantil**. 2005. 249 f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TIRIBA, Léa. Crianças da natureza. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento** – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, Nov./2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>> Acesso em: 15 de março de 2023.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

CRIANÇAS, NATUREZA E AS SUTILEZAS DO COTIDIANO NA ESCOLA DA INFÂNCIA

Children, nature and the subtleties of everyday life in childhood school

Letícia Veiga Casanova

Doutora em Educação

Rede Municipal de Ensino de Itajaí

Educação Infantil

Itajaí, Brasil.

leticiascasanova@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7548-6565>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua 3000, nº599. Centro. Balneário Camboriú. CEP 88330-334

AGRADECIMENTOS

As crianças pequenas que protagonizaram momentos e revelaram as sutilezas do cotidiano da escola da infância aos adultos que, por tempos, já não conseguiam ver o essencial.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: L. V. Casanova

Coleta de dados: L. V. Casanova

Análise de dados: L. V. Casanova

Discussão dos resultados: L. V. Casanova

Revisão e aprovação: L. V. Casanova

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Foi obtido o consentimento escrito dos participantes no ato da matrícula no Centro de Educação Infantil em que o projeto e relato se desenvolveram.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão; Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 18-10-2023 – Aprovado em: 27-04-2024